

A POÉTICA DA RELAÇÃO NOS TEXTOS DE AUTORIA FEMININA NEGRA

Cristiane Veloso de Araujo Pestana¹

Márcia de Almeida²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo tratar a linguagem da Literatura Afro-brasileira como uma forma particular de identidade, reivindicação, discurso étnico e político, sobretudo nos textos de autoria feminina. Os textos da chamada Literatura afro-feminina trazem o pertencimento étnico para o contexto diaspórico, promovendo, assim, uma noção de identidade que se aproxima do conceito de identidade-relação proposto por Édouard Glissant.

Palavras-chave: Mulher negra; Linguagem; Identidade; Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT: This present article has as objective treats the language of Afro-Brazilian Literature as a particular form of identity, claim, ethnic and political discourse, especially in texts of female authorship. The texts of the so-called Afro-feminine Literature bring ethnicity into the diasporic context, so that promoting a notion of identity that approaches the concept of identity-relation proposed by Edouard Glissant.

Keywords: Black woman; Language; Identity; Afro-Brazilian Literature.

1 – A literatura feita por mulheres negras – Linguagens e Conceitos

A literatura costuma ser definida, antes de tudo, como linguagem, construção discursiva marcada pela finalidade estética, aponta Eduardo de Assis Duarte (2014). Porém, existem outras finalidades para além do aspecto estético que traduzem valores culturais, éticos, políticos e ideológicos. Para Duarte (2014), a linguagem é um dos fatores da diferença cultural no texto literário e, sendo assim, é de fundamental importância para ressaltar marcas culturais perdidas, bem como aconteceu com os africanos escravizados que vieram para o Brasil.

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora

A língua de um povo é o reflexo dele mesmo. É através dela que podemos nos expressar e nos posicionar a respeito de nós e de nosso lugar no mundo. A língua é uma expressão cultural, e a forma como a utilizamos pode representar algo muito profundo acerca do modo como nos relacionamos com essa cultura.

Veremos neste estudo alguns exemplos desta linguagem tão marcada dentro da Literatura afro-brasileira a partir de poemas escritos especificamente pelo grupo feminino. Mulheres negras que driblaram os desafios do sexismo e do racismo para divulgarem seus textos e se destacarem no cenário literário e no mercado editorial.

Mesmo dentro de um segmento de militância, as autoras negras nunca tiveram muito espaço, geralmente era a maioria de homens negros a terem o direito de se posicionar frente às demandas sociais e políticas desta classe, fato que, segundo a escritora Cristiane Sobral, em entrevista, ainda é muito comum nos dias atuais.

No entanto, as mulheres negras vêm assumindo a autoria na Literatura e deixando de ser apenas personagens, muitas vezes retratadas de forma estereotipadas. Mas, para chegarem até aqui, o caminho foi longo e iniciado por mulheres de diversos lugares do mundo.

Nos Estados Unidos, por exemplo, foi a partir do movimento em prol dos direitos civis que as escritoras negras estreitaram a articulação entre sua militância política e sua atuação acadêmica. Nomes como Alice Walker e Toni Morrison se destacaram por denunciar o racismo e abordar as questões étnicas em suas obras.

No Brasil, foi durante o século XX, que abrigou o auge dos movimentos sociais, movimento dos trabalhadores, movimentos negro e feminista, que as mulheres ganharam força, influenciando nossa sociedade e conseqüentemente nossa literatura, construindo uma literatura cujo ponto de vista é negro e que luta para encontrar espaço junto ao mercado editorial. Esta literatura é uma resposta à maneira como negros e negras vinham sendo representados, e também, o lugar onde a mulher negra encontrou espaço para se manifestar. Uma literatura chamada Literatura Afro-brasileira.

Na década de 70 a produção literária das afrodescendentes ganhou espaço graças a coletivos organizados na Bahia, em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo, sendo o deste último, chamado Quilombhoje, até hoje um campo fértil para a criação e divulgação da literatura afro-brasileira. Em junho de 1978 surgiu a série literária Cadernos Negros, que

possibilitou maior espaço para as escritoras e que colaborou para a divulgação de prosa e poesia de diversas autoras afro-brasileiras, como Geni Guimarães, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Alzira Rufino e muitas outras representantes da chamada escrita afro-feminina, que, conforme sugere Amanda Crispim Ferreira (2012), aborda tanto a questão étnica quanto a questão de gênero.

De acordo com Andréa Borges Leão “cada campo inventa uma noção de literatura e de escritor” (2009, p.306), afirmação que dá suporte para Duarte (2014), que justifica a existência de uma Literatura destinada especialmente à demanda afrodescendente, a qual se faz necessária para distinguir a população negra da forma como vinha sendo feita na Literatura brasileira canônica.

E a configuração dessa diferença passa pelo trabalho com a linguagem, a fim de subverter imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca dizer-se negra, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela o projeto de ampliação ao público leitor afro-brasileiro. (DUARTE, 2014, p.11)

2 – Sobre como conceituar essa literatura

Ainda hoje se discute muito sobre o melhor termo a ser utilizado, para designar a literatura feita por negros e negras ou que aborde temas relacionados à população negra. Alguns defendem a ideia de uma Literatura Negra, cujo princípio básico inicial era que o escritor deveria, obrigatoriamente, ser negro e tratar de temas relacionados aos negros. Para termos uma noção de como seria caracterizada tal literatura, vejamos uma fala de Ironides Rodrigues, um dos grandes intelectuais negros, declarada a Luiza Lobo e citada no livro de Eduardo Assis Duarte.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, *apud* DUARTE, 2014, p.21)

Numa perspectiva um pouco mais conciliadora, Domício Proença Filho defende que a cor da pele não importa, mas sim a abordagem que se faz do negro, o pertencimento étnico e a coerência com as demandas específicas desse povo. Ele propõe um equilíbrio entre “literatura do negro” e “literatura sobre o negro” e afirma que:

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. (PROENÇA FILHO *apud* DUARTE, 2014, p.23)

Compartilhando o posicionamento de Proença Filho, Zilá Bernd ressalta a importância de uma “enunciação do pertencimento” tão mais do que apenas a cor da pele. Para a autora, é papel desta literatura, promover a reversão de valores errôneos atribuídos aos descendentes de africanos, bem como estabelecer uma “nova ordem simbólica oposta aos sentidos hegemônicos”, de uma narrativa heroica do negro e a urgência de um eu enunciador, já que historicamente, dentro da literatura, o negro sempre foi falado pelo outro. Zilá defende veementemente que os negros devem tomar a palavra e assumir o discurso de si para ocuparem assim, seu lugar na sociedade, tendo em vista que “A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a reescritura da História do ponto de vista do negro.” (BERND, 1988, p.77). Tal fato é ratificado por Cristiane Sobral, quando diz: “Nunca mais aceitarei a sua visão deturpada das coisas que fere e mata. Agora serei a protagonista” (2011, p.87).

Eduardo de Assis Duarte, por sua vez, propõe a substituição do termo Literatura Negra por Literatura Afro-brasileira, acreditando que a palavra “negra” enfraquece e limita a eficácia deste conceito, pois, para ele, num contexto teórico e crítico, as palavras negra/negro carregam um peso muito grande, uma carga de inferioridade e negatividade vindas ao longo da história da humanidade. Já o termo afro-brasileiro, segundo o estudioso, traz a ideia de maioria, onde se encaixam todos os descendentes de família antigas brasileiras, oriundas dos grandes fluxos de imigração e migração ocorridos no território brasileiro.

Já o termo afro-brasileiro, pela própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. (DUARTE, 2014, p.25)

Já o escritor Cuti (Luís Silva) propõe uma nova nomenclatura, que abarcaria os dois termos, numa perspectiva de não perder o real sentido dessa escrita particular e de reivindicação. Para ele, o termo Literatura Negro-brasileira seria mais interessante, uma vez que retoma a palavra “negro” (como indicativo da parcela da população descendente de africanos de pele escura) e o adjetivo “brasileira” (termo que atribui nacionalidade a este segmento da população). Segundo o autor, a expressão pretende apontar para as experiências de vida dos negros como fonte de um conjunto de textos literários, dentro do território brasileiro.

Muito além do fato de como se nomear essa Literatura, o aspecto mais relevante é o de que ela visa a romper com paradigmas e preconceitos. De acordo com Cristiane Sobral, a palavra é poderosa, e através do uso apropriado desta palavra é possível desconstruir inverdades e estereótipos: “... Na ânsia de construir e desconstruir, surge a palavra [...] O ofício molda a palavra / A palavra certa finalmente consegue a bobagem decepar.” (SOBRAL, 2011, p.58)

Mas o que aproxima os nomes destinados a esse ramo da Literatura Brasileira às ideias de Édouard Glissant? Ao propor uma ou outra nomenclatura, fica clara a visão de identidade de cada teórico. O termo Literatura Negra ou Literatura do negro, por exemplo, se aproxima muito de um pensamento mais nacionalista, de uma identidade única ou identidade raiz, que exclui a cultura atual e ressalta apenas a cultura ancestral. Já na proposta do termo Literatura afro-brasileira, começa a ser levada em consideração a “pátria mãe-África” e a “pátria lar- Brasil” num contexto de relação, em que se desenvolve uma mescla de culturas, sugerindo uma visão mais rizomática de identidade. Da mesma forma, observamos o termo Literatura negro-brasileira, porém aqui não haveria uma valorização da África apenas, mas também a valorização desse sujeito negro, descendente de africanos, constituído na diáspora, fruto de uma cultura fragmentada e complementar, e, portanto, possuidor de uma identidade também rizomática, híbrida e relacional.

Mesmo sem termos um consenso entre os escritores, críticos e pesquisadores da Literatura, a Literatura Negra, Negro-brasileira ou Afro-brasileira (que será o termo utilizado neste trabalho) traz consigo um papel importante, que é de deixar falar a população negra, homens e mulheres, para que possam expressar sua visão de mundo, suas emoções, suas vivências, apresentar suas demandas e, com isso, lutar por dignidade e respeito.

3 – As abordagens teóricas da Literatura afro-feminina e seus reflexos na linguagem

Muitas autoras negras vêm escrevendo sobre sua condição, seu papel na sociedade, seus desejos, suas experiências e suas percepções do universo, numa linguagem que lhes é própria, assim como, tratando de demandas específicas deste segmento, o que concilia com a afirmação de Maria Lúcia de Barros Mott, que afirma: “a experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem” (MOTT, 2010, p.254). No entanto, ainda percebemos muito preconceito em relação a seus textos. A sociedade patriarcal, dentro e fora do universo afrodescendente, ainda persiste com muita força, tentando de várias formas coibir o pensamento e as formas de expressão femininas. Nesse sentido, concordamos com a seguinte defesa de Glissant:

É preciso não hesitar nunca em defender o oprimido e o ofendido; entretanto, o problema hoje é conseguir mudar a própria noção de identidade, a própria profundidade da experiência vivida que temos de nossa identidade, e conceber que somente o imaginário do Todo-o-mundo (...), somente este imaginário pode nos fazer ultrapassar estas espécies de limites fundamentais que ninguém quer ultrapassar. (GLISSANT *apud* ROCHA, 2003, p.35)

Para o teórico Édouard Glissant, a função dos artistas, escritores e poetas é a de revelar, através da Poética da Relação, o imaginário das humanidades, impedindo, assim, que esta seja conduzida a partir de modelos tidos como universais e válidos para todas as culturas. Segundo ele, “a questão atual colocada às culturas particulares é a de como renunciar à mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade-raiz única, para entrar na identidade-relação” (ROCHA, 2003, p. 34).

A teoria da criouliização proposta por Glissant pressupõe a ideia de que o negro, nascido nas Américas, não é africano nem americano, mas sim um novo indivíduo, híbrido,

dotado de particularidades únicas, porém composto por aspectos sócio-culturais comuns à sua cultura de origem. Isso confirma a visão de que não há uma identidade única, mas sim várias, que se confundem e se complementam, e, o mais importante, que estão sempre em movimento de transformação. Conforme nos aponta Stuart Hall, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2004, p.45)

Percebemos que na esteira das colocações dos dois teóricos, grande parte das escritoras negras brasileiras que figuram no cenário da Literatura afro-brasileira reivindica uma nacionalidade outra, uma identidade ligada às origens de seus antepassados escravizados. Assim, retomam a África como fonte de inspiração e fortalecimento para a luta contra a desigualdade e o racismo. Essa perspectiva nacionalista e de busca às raízes de origem é, para alguns movimentos negros, ainda necessária para tornar visível o que outrora fora suprimido. É neste sentido que caminham mais próximo das ideias propostas pelo movimento de *Négritude*, que é uma perspectiva um pouco diferente da proposição de Glissant. Citando Homi Bhabha:

A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa (BHABHA, 1998, p.199).

Vejamos como a autora baiana Ana Fátima, através de seu poema “Águas de Dandalunda”, aborda esta questão:

Em Santiago do Iguape
Revi as matas de Ossayin.
Pisei no engenho
Observei a miragem
Dos barcos dos Senhores
Rumo à igreja.
Abraçei a memória dos meus ancestrais
E senti ares de minha casa
Para além do Atlântico.[...]
No quilombo, olhares irmanados.
O canto d’Os Bantos
Me levou para o colo de Dandalunda
E lá ninei meus sonhos
Aquilombei meus prazeres
Enfim, encontrei meu lar. (CADERNOS NEGROS, 2014, p.21)

É explícito como o eu lírico idealiza essa África da ancestralidade e a enxerga como “lar”. Através da retomada de uma cultura local, o eu lírico se reconhece e se refugia, na perspectiva de se ver num quilombo, lugar que remete à ideia de refúgio e segurança. Tal posicionamento do texto nos direciona ao posicionamento da *Négritude*.

O movimento ideológico e literário chamado *Négritude* foi idealizado e liderado por intelectuais negros francófonos, políticos e escritores franceses de 1930, cujo nome de maior peso seria o do poeta Aimé Césaire, precursor de Glissant e de Franz Fanon. Os escritores deste movimento encontraram, numa identidade negra comum, o suporte para lutar contra o racismo colonial francês. Eles acreditavam que a herança negra dos membros da diáspora seria a melhor arma de luta contra a dominação política e intelectual francesa.

É oportuno dizer que a *Négritude* contribuiu para essa mudança por meio de uma progressiva conscientização sobre a urgente necessidade de valorização e da reafirmação dos signos relativos à diáspora negra. (AGUSTONI, 2013, p.42 - grifos da autora)

A partir dos ideais da *Négritude*, acredita-se que ainda se faz necessário emergir e resgatar os rastros culturais de uma herança africana para que seja possível confrontar as culturas do dominante e do dominado, de forma a se fazer conhecer o lado deste sujeito, herdeiro dos escravos, estereotipado, extirpado e deixado à margem da sociedade, e reconhecer assim, que somos frutos do entrelaçamento dessas culturas.

Dirce Prado, escritora paulista, nos exemplifica bem essa luta entre brancos e negros e a tendência destes a procurar refúgio numa cultura ligada à ancestralidade, a partir de seu poema “Concedo-me ser negra”:

Aprendi
A não sufocar a minha negritude
Tampouco disfarçar a minha cor
Percebo a beleza do meu cabelo duro
Hoje, reescrevo a minha história.

Aprendia a ser negra
Ter a minha identidade
A branca hipocrisia já não me assusta
Não me intimida
Minha linhagem predomina
E o repúdio me ensina!

Então, concedo-me
O direito da minha negritude
Quero a minha diferença
Expressar as minhas raízes
Assim, permito-me simplesmente
Ser negra... eu mesma! (CADERNOS NEGROS, 2014, p.71)

Porém, Cevasco nos explica, em sua pesquisa, que o conceito de cultura aponta para uma direção “onde o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003 p.24). Ainda sobre o termo Cultura e o resgate a uma cultura tradicional ou de origem, Glissant afirma que o sujeito está em perpétuo processo, “Ele não é ser, mas sendo” (ROCHA, 2005, p.33), o que, de certo modo, não privilegia apenas uma cultura, mas várias culturas em relação. Também Para Stuart Hall a cultura é uma produção, um processo contínuo de transformações, que necessita buscar “matéria-prima” nas tradições dos antepassados para construir o presente e o futuro:

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. [...] Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. [...] Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p.44)

Por outro lado, Paul Gilroy, em seu livro *O Atlântico Negro*, alerta para o “engodo do particularismo étnico”, sem com isso negar a importância do reconhecimento da raça na construção social e cultural e na luta por igualdade. Ele afirma que o absolutismo étnico traz “perigos adicionais porque desconsidera o desenvolvimento e a mudança das ideologias políticas negras e ignora as qualidades inquietas e recombinantes das culturas políticas afirmativas do Atlântico Negro”. (GILROY, 2012, p.85)

Numa perspectiva de retorno à pátria perdida, no conceito de Mãe África, muitas autoras negras se utilizam de palavras africanas em seus textos (como vimos nos poemas anteriores). De acordo com os estudos psicanalíticos descritos no livro *A Babel do*

Inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica, a língua está intimamente relacionada ao afeto e promove um elo profundo com a mãe (aqui, entendamos mãe como a África). Acreditamos que, para tais escritoras, utilizar a língua da “mãe” seria um ato de afeto, de amor e de valorização de uma “língua materna” que lhes foi negada na diáspora. O livro de Jacqueline Amati-Mehler nos remete, ainda, ao conceito de “toda língua como objeto de restauração” (AMATI-MEHLER, 2005, p.231). Por este motivo, podemos considerar que, inconscientemente, a preferência pelo uso de uma língua africana pode significar um ato de rebeldia e recusa desta língua construída a partir da hibridação (que seria a língua nativa dessas escritoras) ou uma forma de corrompê-la e transformá-la, atribuindo-lhe novo significado e novos modos de uso.

Assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia (DUARTE, 2014, p.38).

Geralmente é o que fazem os “exilados linguísticos” como aponta Steiner (1990), se apegam desesperadamente à língua materna, neste caso uma língua materna por identificação, oriunda de uma herança cultural. Seria uma tentativa de não perder os laços, de manter viva a raiz e não se perder num outro mundo. E, também, de recuperar o sentimento de nacionalidade, pertencimento e cidadania, pois

A maior conquista que *Négritude* alcançou [...] foi a liberdade de expressar conteúdos que integram elementos, características culturais ou preocupações referentes à diáspora negra por meio do uso de uma língua literária que corrói a língua canônica. (AGUSTONI, 2013, p.43)

Vejamos o que a autora baiana Jovina de Souza faz através de seu poema “Minha pedra”, que dialoga com o famoso poema de Drummond, utilizando-o como resposta, como crítica à sociedade branca e como denúncia do racismo.

No meu caminho, poeta, também tem uma pedra

Quebra-se em milhões de outras pedras todo dia.
A pedra do meu caminho chama-se racismo.
Interdita e quebra sonhos, fez pacto com a nação
Mata meus filhos, netos, afilhados, sobrinhos, irmãos
Eu choro. Choram também as avós
As tias, as madrinhas
A pedra não sai.
Pulo de lado, ando com a barriga no chão
E lá está ela no meu caminho: a pedra
Ela é de carne e osso, tem fazer e tem pensar.
É uma pedra muito grande, é patrimônio do Brasil.
No seu caminho, poeta, tinha uma pedra
No meu, a pedra é gigante, dura, ressentida.
Com o dedo no gatilho. (CADERNOS NEGROS, 2014, p.71)

Quando Fanon narra a situação dos negros antilhanos colonizados, ele afirma que, para “existir” diante do outro, os negros eram obrigados a aprender o francês, que era a língua do colonizador. E quanto mais eles assumiam valores culturais dos brancos, mais rejeitavam sua origem e mais se distanciavam de sua cultura.

No caminho inverso, quando o escritor afro-brasileiro assume para si uma linguagem que, culturalmente não é sua, mas de seus antepassados, o faz para resgatar essa cultura perdida, para confrontar a ideia de uma África feia, estereotipada, carregada de negativismo e sofrimento.

De acordo com Damourette e Pichón, “todo idioma é um modo de pensar” (DAMOURETT; PICHÓN *apud* FANON, 2008, p.39), e isso nos faz entender o motivo de resgatar uma língua africana. Talvez seja numa busca de valorizar o pensamento ancestral africano e utilizá-lo num discurso de subversão e luta contra todas as injustiças sofridas por esse povo escravizado, de restabelecer a visão das múltiplas Áfricas, de fazer conhecer sua beleza e sua história. A África, muitas vezes, é vista como lugar de uma liberdade anterior ao tempo da escravidão, o “verdadeiro lugar” dos negros.

Para a pesquisadora Prisca Agustoni (2013, p.42), geralmente, “a escolha da língua imposta ou da língua nativa é determinada por uma opção consciente de comunicabilidade e de recepção da mensagem.” Tal afirmativa é feita tendo como base os escritores martinicanos que foram obrigados a aprender o francês e se expressarem em tal língua. Em alguns casos a língua do colonizador pouco importou aos escravos, porém, com o passar do tempo, eles passaram a utilizar essa língua para transformá-la em benefício próprio, para deformá-la e

torná-la também sua. Em outros casos, também, essas línguas entraram em conflito e duelaram arduamente entre si. Um exemplo disso encontra-se na obra mais famosa de Aimé Cesaire, *Diário de um retorno ao país natal*, em que, mesmo a língua francesa detendo o monopólio narrativo, a língua crioula aflora várias vezes e perturba a ordem do texto. E recorrentemente em sua tradução, muitos signos foram preservados por não haver correspondente em outra língua.

Não se trata, no entanto, apenas de retomar a brilhante proposta de Fernando Pessoa, para quem “minha pátria é minha língua”, já que não estamos falando da identificação com uma pátria única, mas do contato entre vários espaços possíveis e móveis – visto que o Brasil é composto por pessoas provenientes de culturas diferentes – como múltiplas eram e (ainda) são as línguas faladas em cada país africano e mesmo no próprio Brasil. [...] Também podemos perceber esse plurilinguismo brasileiro graças aos espólios das várias línguas africanas que ancoraram no Brasil, considerando os termos e as expressões que se incorporaram ao português falado no país e que são provenientes de diferentes línguas africanas. (AGUSTONI, 2013, p.20)

Mas é, sobretudo, sob o aspecto religioso que escritores e escritoras afro-brasileiros descrevem essas heranças e mantêm viva sua ligação com a Terra-mãe. A preservação de cultos, lugares agrados e crenças dos antepassados africanos é um elemento essencial para a autoidentificação da população negra brasileira. Há, inclusive, vários estudos a respeito desta vertente.

Na literatura, os aspectos religiosos de matriz africana são encontrados mais nos poemas do que nos textos de prosa. Como exemplo, vejamos um trecho do poema “Ayabas” de Janaína Teodoro. O título do poema está na língua yorubá e representa o nome dado às orixás femininas. Assim como ao longo do poema, várias outras palavras em yorubá descrevem cada entidade, como Yemanjá, Oxum, Ewá e Obá. Os termos Salubá e Xireê são saudações e esses orixás. O termo Griot refere-se ao responsável por transmitir as histórias de seu povo.

Como Griot, nas grandes rodas da sabedoria
Salubà, história das lutas vividas
Das tentativas alegrias...
Eparrei Mãe Guerreira, o seu extinto sustento
Tempestuosa nos raios celestes

Não traz lamento...
E no furor, em mares de lágrimas salgadas
Yemanjá sustenta a alma lavando mágoas[...]
Mamãe Oxum, de ti carrego a graciosidade,
O denego, o amor, a riqueza de fertilidade
Obá Xireê, meus entes queridos a aconchego
Ao campo santo, Ewá a neblina do sossego[...](FAUSTINO, 2013, p.44)

4 – Considerações finais

A partir do estudo realizado, é possível perceber que os textos das autoras afro-brasileiras possuem uma linguagem própria, com uma temática específica, bem particular, que só pertence a elas. Uma linguagem áspera e bela ao mesmo tempo, que alia militância e estética e que promove reconhecimento nas leitoras.

A escrita feminina negra, em sua maioria, restaura rastros culturais e memórias perdidas, segue por um lado mais engajado e militante, estando, assim, respaldadas pela teoria de Fanon. São textos em que a cor da pele e as marcas sociais de um processo civilizatório mal elaborado-estão explícitas no texto. Porém, outros textos deixam de lado a militância para enveredarem num caminho de criação literária mais livre das questões raciais e políticas. A autora Cristiane Sobral, por exemplo, mescla de forma muito particular estes dois caminhos possíveis, se aproximando assim da proposta de Glissant, produzindo uma literatura mais rizomática e relacional. Vejamos um exemplo disto, a partir do poema “Poesia preta feminina”:

Poesia preta feminina
Tem cheiro bom de perfume
Cor de azeviche
Letras de cura

Poesia preta feminina
Preciosa na monotonia da paisagem
Representa nossa diversidade
Entra na roda com muito axé

Poesia preta feminina
Sinuosa desfila no terreiro
Em ritmo de partido alto

Pode surgir elegante, de salto
Contagiar batendo na palmada mão.

Poesia preta feminina
É jongo, é jogo, é gira
Pomba trazendo ventos da mudança
Bate firme e demarca o espaço com esperança
Tem atitude da nossa gente
A refazer os passos da diáspora
Reinventando o compasso da história. (CADERNOS NEGROS, 2014, p.51)

Podemos observar que de uma forma geral, a Literatura afro-feminina permeia por todas essas áreas, abordando vários temas, transitando pelo engajamento e pelo texto apolítico sem perder suas características e sua beleza estética. São muitos textos inspirados em experiências vividas por essas mulheres, e são essas experiências, muitas vezes dolorosas, essas marcas, que trazem verdade ao texto, provocando sensações e desconforto, pois, assim como aponta Rolnik “as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro de outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (ROLNIK, 1993, p.244). E, na arte de escrever, quanto mais movido pelas marcas for um texto, maior é o seu brilho, afirma a pesquisadora.

Muitas autoras falam sobre assuntos atuais como padrões estéticos de beleza, corpo, sexualidade, liberdade de expressão, escolaridade, acesso à cultura e espaços culturais, relações de gênero, infertilidade, adoção, aborto etc. Porém o fazem, em sua maioria, respaldadas por uma ancestralidade, um sentimento de pertença, que não busca uma identidade outra, mas que se quer fazer presente no contexto social e cultural atual. É como se elas quisessem se constituir num novo espaço, abarcando antigos laços e criando novos. A cada luta vencida, as africanidades são emaranhadas a uma brasilidade, que vão se constituindo numa identidade fluida, sempre em transformação. Restaurando aspectos de sua memória ancestral e produzindo sentido a partir de sua condição dentro de um processo diaspórico, as mulheres negras vão tomando consciência de si próprias e se posicionando frente às demandas sociais.

Diante disso, podemos concordar com o que defende Glissant, que se tornou urgente mudarmos a concepção e a vivência que temos de identidade. É preciso entender as transformações culturais e identitárias pelas quais passaram os afrodescendentes no processo

diaspórico. Percebendo que, atualmente, há sim um resgate cultural de uma ancestralidade, mas que é por nós ressignificado a todo momento, sobretudo, com o auxílio da Literatura afro-brasileira.

Referências

AGUSTONI, Prisca. *O Atlântico em Movimento signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

AMATI-MEHLER, Jacqueline. *A Babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica*. Tradução Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERND, Zilé. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo. Brasiliense, 1988.

CADERNOS NEGROS, *volume 36: contos afro-brasileiros*. Organizadores Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2013.

_____. *volume 37: poemas afro-brasileiros*. Organizadores Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2014.

CÉSAIRE, Aimé. *Diário de um retorno ao país natal*. Tradução, posfácio e notas Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Terra Roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários, v.17. Londrina, 2009.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Carmen; SOUZA, Elizandra (Org). *Pretextos de mulheres negras*. São Paulo: Mjiba Comunicação, 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Vozes - Mulheres*: algumas considerações sobre a escrita afro-feminina. Disponível em

<WWW.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp.content/uploads/2012/01/amanda_crispim.pdf> Acesso em: 14 ago 2014.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: Modernidade e dupla consciência. 2ª.ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidades e mediações Culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardia Rezende... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Revista Estudos Feministas, v.3, nº 2, p. 464 – 478. Rio de Janeiro, 2005.

LEÃO, Andréa Borges. *Como fazer uma sociologia da singularidade? Autoria e Campo literário*. In: ____ *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v.14, n.27, p.301-316, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/1940/1578>> acesso em: 23 abr 2016.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras*: resgatando nossa história. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): *Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

ROCHA, Enilce Albergaria. *A noção de Relação em Édouard Glissant*. Ipotesi-Revista de Estudos Literários. Universidade de Juiz de Fora v.6 n. 2, Jul/dez/2002. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In: Cadernos de Subjetividade. São Paulo, 1993, n.2, p.241-251.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Teixeira, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIANA, Arnaldo Rosa. *Multiculturalismo e Pluriculturalismo*. In: *Conceitos de Literatura e Cultura*. Org. FIGUEIREDO, Eurídice. Juiz de Fora: UFJF, 2005.